



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 3, número 3, set-dez 2014

A IMPORTÂNCIA DOS ANIMAIS: O GATINHO EM A *ESTRELA*, DE FERREIRA GULLAR, E A RECEPÇÃO DO LEITOR



THE IMPORTANCE OF ANIMALS: GATINHO IN A *ESTRELA*, OF FERREIRA GULLAR, AND THE RECEPTION OF THE READER

ADRIANA FALQUETO LEMOS, UNIVERSIDADE
FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, BRASIL

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [A AUTORA](#)
RECEBIDO EM 21/08/2014 • APROVADO EM 22/12/2014

Abstract

This essay focuses on the figure of Gatinho, recurrent character on the poetry by Gullar, and the importance given to it by the poet. In the poem *A estrela* (2010), Gatinho has meanings assigned to it thanks to the appreciation of Gullar; Gatinho might have other meanings while one reads the poem, since it is in this process that the reader fills gaps and establishes meaning of what he reads. It is through the concepts of the Theory of Reception (Schmidt, 1973; Eagleton, 2001; Lotman, 1976; Iser, 1974) that this text investigates the meaning of Gatinho on the reader, in order to establish links between readers social-historical

reality with the Gullar. The animal can be a path to dialogue with notions of the importance of animals for relating to men.

Resumo

Este ensaio aborda a figura do Gatinho, personagem recorrente das poesias de Ferreira Gullar, e a importância que lhe é dada pelo poeta. No poema *A Estrela* (2010), o gato Gatinho tem significados que lhe foram atribuídos graças ao apreço de Gullar; Gatinho terá outros significados durante a leitura do poema, já que é nesse processo que o leitor preenche lacunas e estabelece significados daquilo que lê. É através dos conceitos da Teoria da Recepção (Schmidt, 1973; Eagleton, 2001; Lotman, 1976; Iser, 1974) que investigaremos o significado de Gatinho diante do leitor que, ao estabelecer laços entre sua realidade histórico-social com a de Ferreira Gullar, encontra no animal felino um caminho para o diálogo com noções da importância dos animais para os homens.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Theory of Reception. Gatinho. Ferreira Gullar. *A Estrela*.

PALAVRAS CHAVE: Teoria da Recepção. Gatinho. Ferreira Gullar. *A Estrela*.

Texto integral

Introdução

Este artigo analisará a poesia *A Estrela*, publicada em 2010, de Ferreira Gullar, pseudônimo de José Ribamar Ferreira (1930 -), considerado por Lafetá (1983, p. 63) como “a última grande voz significativa da poesia brasileira”. Essa grandeza surge, de acordo com Alcides Villaça (1998), da tensão entre o maranhense, que descobriu na literatura a arte pela qual se expressar e que 50 anos depois, ao emergir como um intelectual e crítico, balanceia seu trabalho no conflito entre a memória e a avaliação política, da voz pessoal e a objetivação do discurso. De acordo com Thereza Domingues (2007), essa grandeza advém da diversificação de sentidos que o poeta confere às palavras utilizadas de forma corriqueira, estabelecendo, portanto um código próprio, uma nova maneira de se comunicar. Assim como disse Viviane Santos (2010), Gullar, ativista político, poeta engajado, esteve exilado e muito do seu trabalho, como *Poema sujo* (1976), revela um autor que não tem receio de expressar o que pensa.

Gullar trata de assuntos atuais em suas épocas e, por isso, o seu trabalho “é também, em certa medida, um olhar sobre a produção poética brasileira da segunda metade do século XX e uma discussão sobre os processos políticos e sociais vividos no Brasil desta mesma época” (MARTINS, 2006, p. 11). Seu livro *Em Alguma Parte Alguma* (2010) reflete o que Villaça diz sobre o papel de um poeta e como seu desejo por criar é inerente de sua arte

Por amor à vida e ao canto de vitalidade absoluta que, por isso mesmo, nunca se realiza plenamente, Gullar relativiza o alcance do poema e o do próprio corpo. Poema e corpo, aliás, quase se confundem, quando a natureza das palavras é entendida e tomada como abrigo possível de uma expansão corporal. Com a prática dessa relativização, o poeta de Muitas vozes mantém acesos no horizonte (em alargamento que sublima e adia a morte) os critérios de um desejo sempre insatisfeito, porque insatisfatória é toda experiência em sua singular beleza, tomada como indício e promessa do belo absoluto, avalizado pela morte (VILLAÇA, 2000, p. 228).

Pelas palavras de Paulo Becker (2012), os poemas de Gullar criam uma noção de desconcerto, misto de fascínio e incompreensão. Essa dualidade advém, segundo Becker, de um retrato da poesia moderna que almeja a sua desvinculação da burguesia, para buscar um significado real e, ao mesmo tempo, encontra na classe operária uma audiência plena. Seguindo essa linha de pensamento, Becker argumenta (2012, p. 279) que “o poeta Gullar adota coerentemente uma decifração ao mesmo tempo metafísica e mágica do mundo e de si mesmo, buscando entrever a essência imutável de tudo”.

Em meio a uma produção tão politicamente significativa e de inventividade, o uso da imagem recorrente do gato – utilizada por Ferreira Gullar – parece desprovida de maior importância, visto que ainda não foi privilegiada por crítica nem tampouco por pesquisas literárias, salvo no artigo de Marcelo Ferraz de Paula, que traz, principalmente, as imagens telescópicas escritas pelo poeta. Difícil é saber o que seja matéria primordial para um poema, assim como diz Gullar (2006, p. 100):

O poema politicamente engajado será inevitavelmente ruim? A poesia é sempre fruto de uma visão ingênua do mundo? Não tem o poeta, mesmo quando não formula explicitamente, uma visão de mundo redutível a termos conceituais? Em suma, só pode a poesia exprimir perplexidades ou pode também exprimir uma consciência clara do mundo?

Em entrevista a Sérgio Villas Boas, Gullar admite que mudou com o tempo e que sua poesia concreta passou por transformações que vão desde sua estrutura até a sua matéria. “Há uma série de coisas que não são o melhor da vida, mas são a maior parte dela. A poesia procura, então, realizar uma alquimia. Mesmo a pior parte da vida pode, no plano estético, se transformar em beleza. Minha poesia, por exemplo, mudou com o país e as circunstâncias” (VILAS-BOAS, 2003, p. 91).

Na mesma medida, Antonio Candido (1996) nos indaga que a interpretação do trabalho literário e dos signos nele empregados:

como estudar o texto literário levando em conta o seu vínculo com as motivações exteriores, provindas da personalidade ou da sociedade, sem cair no paralelismo, que leva a tratá-lo como documento? A única maneira talvez seja entrar pela própria constituição do discurso, desmontando-o como se a escrita gerasse um universo próprio. E a

verificação básica a este respeito é que o autor pode manipular a palavra em dois sentidos principais: reforçando ou atenuando a sua semelhança com o mundo real (CANDIDO, 1996, p. 30).

Nessa perspectiva, este ensaio procura pensar o papel do leitor à luz da Teoria da Recepção e da recepção do poema *A Estrela*, publicado no livro *Em Alguma Parte Alguma* (2010), lançado em coincidência com o octogésimo aniversário do poeta. Eleito o Livro do Ano de ficção na 53ª Edição do Prêmio Jabuti em 2011, nele, o poeta desvenda a vida através da observação de objetos comuns que, das mais variadas formas, tornam-se um emaranhado permeado por questões universais. Gullar observa atentamente objetos como o osso, a mosca, a banana e o gato, dentre tantos outros. Com o olhar voltado para essas imagens simples, a mente do artista tece explosões cósmicas que se voltam para o *eu*, com espaço para profundos questionamentos, mais amplos e pungentes – e por que não recorrentes? – que perpassam a consciência humana. Elencam-se, aqui, questões de mortalidade, eternidade e finitude.

O Gatinho

O tema do gato não é mais ou menos urgente que a mortalidade ou o sentido da vida, dado escolhido pelo poeta para figurar entre outros tantos motivos para deixar-se refletir. De acordo com Paula,

No poema “A estrela”, o poeta novamente utiliza a comparação com o tempo cósmico para lançar uma nova luz sobre a vida e sua dissolução inevitável. A diferença é que não é mais a mulher amada que alivia o peso do infinito a ecoar no drama do sujeito, mas sim a ternura e plasticidade simplória de um gato (PAULA, 2012, p. 18).

Ferreira Gullar teve um gato que foi inspiração para a composição de poemas. Ele não é um caso raro entre os escritores que foram inspirados por animais. Virginia Woolf (1882-1941) se inspirou em seu cão ao escrever *Flush – Memórias de um Cão* (1933). Em *Quase Verdade* (1978), Clarice Lispector (1920-1977) usou seu cachorro Ulisses como narrador do livro. Os gatos foram a paixão de vários autores importantes e muitos deles utilizaram sua arte para esmiuçar o animal, assim como Charles Baudelaire (1821-1867) em *O Gato* (1857), Pablo Neruda (1904-1973) em *Ode ao Gato* (1959) e William Burroughs (1914-1997) em *O Gato por Dentro* (1986). O uso de animais como matéria de criação artística não é algo raro. Gilbert Duran constata que

O animal apresenta-se como um abstrato espontâneo, o objeto de uma assimilação simbólica, como mostra a universalidade e a pluralidade da sua presença tanto numa consciência civilizada como na mentalidade primitiva. A linguística comparada notou também, desde há muito tempo, que a repartição de substantivos faz-se primitivamente segundo as categorias do animado e do inanimado. O Bestiário, portanto, parece

Sobre seus poemas na obra *Um gato chamado gatinho* (2000), Gullar relata:

Ao escrever o primeiro poema deste livro – O gato curioso – não tinha a intenção de fazer um livro. Escrevi-o porque me deu vontade (...) E assim foi que, aos poucos, os poemas foram nascendo, sem pressa, motivados por cada nova descoberta que eu fazia a respeito do meu gato. Já havia escrito outros poemas sobre ele – que estão em meu livro. Muitas vozes, mas são de outra natureza, envolvendo questões graves. Estes só querem ser engraçados, agradáveis e divertidos... (GULLAR, 2000, p.45).

Ao observar os passos macios do animal, Ferreira Gullar transmite em seu poema a falta de preocupação do bichano com o que é literatura, já que ele apenas se deita sobre sua poesia, assim como recorda o autor em entrevista à revista *Bravo!*:

Ele era muito ligado a mim, estava sempre comigo. Aonde eu estava, ele vinha. Aconteceu que eu tinha acabado de escrever um poema. Tinha corrigido e botei aqui do lado. Estava lendo um jornal para tomar nota de alguma coisa e ele veio, me olhou e deitou em cima do poema, ri. Achei engraçado: para ele, deitar em cima de um poema é quase como se fosse um papel em branco. Ele é totalmente indiferente (GULLAR, 2010).

Talvez seja por isso que o autor se encante com Gatinho que, como uma das coisas simples do cotidiano, é transportado atenta e curiosamente, com devida demonstração de afeto, através da lúdica escrita de um poema. Como é dito por Ermelinda Ferreira, que fala sobre a relação do ser humano com os animais, os homens investigam o que há de paralelo entre eles e os animais porque buscam respostas para perguntas muito antigas. “Dentro dessa relação, o que os dois termos – homem e animal – partilhavam de comum revelou o que os diferenciava” (FERREIRA, 2005, p.120).

No poema *A Estrela*, Gullar brinca com a imensidão do astro e do tempo, enquanto fita os olhos azuis de Gatinho,

A estrela

Gatinho, meu amigo,
fazes ideia do que seja uma estrela?

Dizem que todo este nosso imenso planeta
coberto de oceanos e montanhas
é menos que um grão de poeira
se comparado a uma delas

Estrelas são explosões nucleares em cadeia
numa sucessão que dura bilhões de anos

O mesmo que a eternidade

Não obstante, Gatinho, confesso
que pouco me importa
quanto dura uma estrela

Importa-me quanto duras tu,
querido amigo,
e esses teus olhos azul-safira
com que me fitas

(Gullar 2010, p. 89).

Toda a eternidade que possa durar a imensidão do espaço não tem importância diante da singeleza da vida do gato – e essa é a medida do que dura algo importante. E qual a importância das coisas?

No que diz respeito à leitura e à importância que a audiência possa conferir ao Gatinho, parte-se do que Terry Eagleton (2001) explica a respeito do ato de conferir significação a um texto. Nesse processo, é o leitor quem estabelece as conexões implícitas contidas no que ficou escrito; é ele quem preenche as lacunas do que foi deixado pelo escritor; é o leitor quem deduz o que não ficou explícito e quem concretiza as suposições que faz, à medida que avança na leitura. Siegfried Schmidt (1973) afirma que a recepção ocorre como um processo que estabelece sentidos, porque o leitor reage ao texto e segue as instruções dadas pela estrutura linguística do mesmo. A recepção do poema de Gullar se dará na ressignificação do texto na medida em que o leitor preencher as lacunas, estabelecendo seu entendimento da mensagem que foi deixada pelo autor.

Enquanto conversa com Gatinho, o poeta explica o que é uma estrela e qual a imensidão dela, o entendimento do que seja o do tamanho e o quanto dura esse astro – eternamente. Mas o significado da importância do Gatinho se dará somente através da leitura da audiência.

A respeito do papel do leitor, Yuri Lotman (1976) ressalta que o texto literário não é o único suporte no qual o significado de um texto reside, já que, para o autor, a realidade histórica e cultural não se estagna no trabalho literário. Lotman afirma que o texto é apenas um dos elementos de uma relação e que, de fato, o trabalho literário consiste de texto (o sistema de relações intratextuais) e das relações com a realidade extratextual: com as normas literárias, tradições e a imaginação. Retomando o que foi dito por Paula, o sujeito toma por base a história que ocorre num tempo-espaço singular: o gato está para a poesia assim como a musa, “sendo, portanto, o elo que destaca a existência humana da eternidade deformadora do universo, aquilo que confere validade ao humano, ou seja, paradoxalmente esta que é nossa grande sina: a mortalidade” (PAULA, 2012, p. 20).

Por isso, pensa-se que o valor conferido pelo poeta a um animal, que é o valor da singularidade advindo da mortalidade, é equivalente ao valor que é dado ao ser humano. Estes, homem e animal, são, para o poeta, iguais. Porém, a vida de um animal não tem o mesmo valor que a vida de um ser humano, e isso é resultado das crenças que fazem parte do pensamento comum da sociedade. De acordo com Mery Chalfun e Rosangela M^a. A. Gomes,

Os grandes filósofos bem como estudiosos do direito sempre destacaram a importância do homem, utilizando os animais sempre em benefício daqueles, como seres inferiores e em proveito do ser humano. A religião, e o pensamento cartesiano com entendimento do animal sem alma, sem direitos, contribuíram para a utilização dos animais como propriedade e objetos de direito. Entretanto, caminha-se para um comportamento moral e ético em relação aos animais, entendendo que juntamente com o direito devem proporcionar-lhes uma vida digna, respeitosa, pois assim como o homem são capazes de sentimentos, percepções e sensibilidades (CHALFUN e GOMES, 2008, p. 847).

Ermelinda Ferreira expõe argumentos que corroboram com a ideia de que os animais são vistos de forma mecanizada pela sociedade. A autora afirma que o homem perdeu sua relação com os animais. Tomando o pensamento de René Descartes como base, a autora afirma que os homens se tornaram duais, em uma divisão entre corpo e alma. A partir dessa lógica, conceberam o animal como um ser sem alma, destinado a ser máquina na engenhosa cadeia produtiva da modernidade (2005).

Na literatura brasileira, temos outras demonstrações da animalização do homem e da humanidade dos animais. Em *Vidas Secas*, Graciliano Ramos demonstra que são as condições de vida que podem animalizar o ser humano – torná-lo insensível e irracional. A cachorra Baleia, no entanto, está sempre em contato com as emoções e com a natureza dos sentimentos, e é na morte que ela mais se parece com um ser humano: “Defronte do carro de bois faltou-lhe a perna traseira. E, perdendo muito sangue, andou como gente, em dois pés, arrastando com dificuldade a parte posterior do corpo” (RAMOS, 1977, p. 88). A morte aqui, assim como para Ferreira Gullar, é o momento no qual os animais se tornam finitos e, por isso, tão singulares quanto os homens.

Outro exemplo da animalização é a descrição do personagem Fabiano:

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias. – Você é um homem, Fabiano. Olhou em torno, com receio que alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando: – Você é um bicho, Fabiano (RAMOS, 1977, p. 19).

Dando continuidade à história da Baleia, em uma carta data de 1937, Graciliano Ramos escreve para a esposa Heloísa Ramos, discorrendo sobre um dos contos que seria integrado a *Vidas Secas*.

Escrevi um conto sobre a morte duma cachorra, um troço difícil, como você vê: procurei adivinhar o que se passa na alma duma cachorra. Será que há mesmo alma em cachorro? Não me importo. Meu bicho morre desejando acordar em um mundo cheio de preás. [...] É a quarta história feita aqui na pensão. Nenhuma delas tem movimento, há indivíduos parados. Tento saber o que eles têm por dentro (RAMOS, 1980).

Essa busca pelo sentimento, pela alma do animal, que foi feita por Graciliano Ramos ao escrever a *Baleia*, assemelha-se com a ideia de Ferreira Gullar nos seus poemas sobre o Gatinho. O autor busca valorizar o animal não apenas pelo seu significado pessoal, mas também pela finitude da vida de Gatinho, que o iguala a uma pessoa. O sentimento de importância e o apreço pelo autor demonstrado a Gatinho é advindo do próprio poeta, que imprime no texto o desejo de que o animal pudesse durar tanto quanto uma estrela. Por isso, o animal Gatinho é para o poeta tão importante quanto a musa e quanto o ser humano, porque ele também é mortal.

Mas essa escrita que privilegia a importância das coisas pela sua temporalidade não se limita ao Gatinho, conforme Villaça deixou claro em sua análise de *Roczeiral*, dizendo que, “as emergências do *tempo* continuavam a provocar, no interior do poeta, a luta fundamental pelo reconhecimento e fixação do momento afetivo na corrente vertiginosa da vida” (1998, p. 97, grifos do autor). Ou seja, a duração das coisas é o que as torna valiosas.

Eagleton (2001) diz que o leitor constrói o significado durante a leitura, mas essa leitura não é feita com plena liberdade. Esse processo de construção de significado é calcado no contexto onde o leitor reside; afinal, ele terá compreensão desse significado com base nas concepções que lhe pertencem. Assim, a interpretação de um texto estará estreitamente arraigada com as condições histórico-sociais dos sujeitos envolvidos nesse processo, porque o sentido de uma palavra será determinado pela função social que ela desempenha para esse sujeito. Por isso, o leitor construirá o sentido do poema *A Estrela*, no ato de fundir seus próprios conceitos de importância de tempo e dos animais com os do poeta Ferreira Gullar. Wolfgang Iser (1974) afirma que o texto literário não é completamente idêntico ao texto ou com a leitura que é feita dele, mas, na verdade, reside num espaço que é a convergência de duas subjetividades: o sentido do texto e o sentido que o leitor extrai do texto, que lhe confere vida.

É compreensível então que, naturalmente, o sentido de um texto será o produto de duas forças – texto e leitor – que, em diferentes contextos histórico-culturais, encontram-se. O sentido do poema *A Estrela* será uma amálgama da importância que Gullar dá aos animais (ao gato, especificamente) e da importância conferida pelo leitor ao referido.

Assim como afirma Paula, é no poema que o autor reflete a amplitude cósmica com os valores pessoais, fazendo o leitor refletir a grandeza e, por isso, a importância de si mesmo e das coisas que o cercam.



É neste espaço de resgate da reflexão e de negação ativa do processo de reificação que a poesia de Gullar alcança o fundo histórico e social que parecia sufocado pelo refluxo ideológico dos anos 90. Olhar os astros, questionarmo-nos a partir do silêncio que emana do universo (PAULA, 2012, p.20).

Considerações finais

Discutiu-se aqui a linguagem de Ferreira Gullar que, ao partir de um signo tão simples como um gato, argumenta com delicadeza aspectos da temporalidade que agregam importância especificamente a um animal e não simplesmente – e facilmente – ao ser humano.

É durante a leitura que o processo de encerramentos e aberturas de sentido acontece. A multiplicidade do significado do texto se dá na leitura.

A paixão pelos poemas com felinos é bastante abrangente dentre os donos de gatos. Nesse grupo, o foco do poema se constitui na relação de importância que os animais têm na sociedade e de como eles preenchem importante espaço na vida do homem, inocente e delicadamente, como é a natureza na sua forma mais lírica. Diante de outra audiência, o texto se constituiria de outra maneira.

O Gatinho não está encerrado em uma leitura apenas, mas é possível afirmar que através da leitura do poema *A Estrela*, de Ferreira Gullar, pela ótica da Teoria da Recepção, o leitor encontrará a prerrogativa para justificar a importância que ele confere ao seu animal de estimação.

Entendemos que o poeta não abandonou sua postura questionadora diante do mundo e dos mistérios do universo, assim apontado por Wilson José Flores Júnior como uma de suas principais características e, como marca do que seja o amadurecimento do poeta no livro *Em Alguma Parte Alguma*, afinal, aqui se vê também “Os impasses e embates, por mais que, em alguns instantes, façam sonhar com sua superação permanecem vivos na alma do poeta e continuam nos oferecendo seus melhores poemas” (FLORES JR, 2011, p. 13). Num poema sobre o Gatinho, o poeta explicita uma voz contra a ideia de que os animais não tenham alma e que, por isso, não tenham a mesma importância que os homens. Afinal, como disse Flores Júnior, o trabalho do crítico continua “pelo menos enquanto o mundo permanecer cindido pela dominação, pela exploração e pela violência” (ibid).

Para aqueles que não possam compreender o significado da singeleza de um gato, é dada a oportunidade de fazê-lo através da experiência de Gullar. Ao trabalhar o tema em seu poema, o autor revela o valor dos animais, seres que

ficaram em segundo plano durante a evolução do homem. Relegados a objetos sem alma, os animais ainda nos olham com delicadeza e profundidade. Se ainda não lhes é dada a devida importância no mundo, escritores como Ferreira Gullar demonstram que através da arte é possível transformar experiência em voz para denunciar a vida.

Referências

- BECKER, Paulo. **Os limites da linguagem na poesia de Ferreira Gullar**. *Desenredo* (PPGL/UPF), v. 8, p. 275-289, 2012.
- CHALFUN, Mery; GOMES, Rosângela Maria de Azevedo. **Direito dos Animais - Um Novo e Fundamental Direito**. *Anais do XVII Encontro Preparatório para o Congresso Nacional do Conpedi* (Conselho Nacional de pesquisa e Pós-Graduação em Direito), 2008, Salvador - Bahia.
- DURAND, Gilbert. **As faces do tempo em As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 70.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FERREIRA, Ermelinda. Metáfora animal: a representação do outro na literatura. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n.º 26. Brasília, julho-dezembro de 2005, pp. 119-135.
- FLORES JR, Wilson José. Dilemas da maturidade: criação e repetição em “Em alguma parte alguma”, de Ferreira Gullar. *XIII Simpósio Nacional de Letras e Linguística*, 2011, Uberlândia. *Anais do Silel*. Uberlândia/MG: EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2011. v. 2.
- GULLAR, Ferreira. **Cultura posta em questão, vanguarda e subdesenvolvimento: ensaios sobre arte**. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- _____. **Em alguma parte alguma**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.
- _____. **O poeta e suas histórias**. Depoimento: out. 2010, São Paulo, D’Ávila, n. 158. *Revista Bravo!*: Entrevista concedida João Barile.
- ISER, Wolfgang. **The Implied Reader: Patterns of Communication in Prose Fiction from Bunyan to Beckett**. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1974, p. 274-5.
- LAFETÁ, João Luís (org). **Artes Plásticas e Literatura. O Nacional e o Popular**. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 83.
- LOTMAN, Yuri Mikhailovich. 1976. **Analysis of the Poetic Text**. (Translated by D. Barton Johnson.) Ann Arbor (Mich.): Ardis. ISBN 978-0-88233-106-5, p. 180.
- MARTINS, Matheus Silva. **A vida em construção: o motivo da esperança na poesia de Ferreira Gullar**. Tese de mestrado, UFMG, 2006. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ALDR-6WEJQT/disserta_o_matheus_silva_martins.pdf;jsessionid=493B2DED48480EFA09C393E47A7EF8C9?sequence=1>. Acesso em 18.11.2012.
- PAULA, Marcelo Ferraz de. **O poeta ao telescópio: imagens cósmicas na poesia de Ferreira Gullar**. *Estação Literária*, v. 9, p. 1-13, 2012.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Record, 1977, p. 19.
- _____. *Graciliano Ramos, Cartas*. Ed. Record, edição especial, 1980.
- SANTOS, Viviane A. **Do ressentimento à cicatriz: Memória e exílio em Ferreira Gullar**. Tese de mestrado, UFSJ, 2010. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestletras/DISSERTACOES_2/do_recentimento.pdf>. Acesso em 18.11.2012.

SCHMIDT, Siegfried J. . **On the Foundation and the Research Strategies of a Science of Literary Communication**. In: *Poetics: International Review for the Theory of Literature*, 7, 1973. p. 28-9

VILAS-BOAS, Sergio. *Perfis*. São Paulo: Summus, 2003.

VILLAÇA, Alcides. **Cadernos de Literatura Brasileira**. Instituto Moreira Salles. nº 6, Setembro, 1998.

_____. *Revista de Literatura Brasileira*. USP. 34 ed. nº 1, 2000.

Para citar este artigo

LEMOS, Adriana Falqueto. A Importância Dos Animais: O Gatinho Em *A Estrela*, De Ferreira Gullar, E A Recepção Do Leitor. **Miguillim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 3., n. 3, SET.-DEZ., p. 69-79.

A Autora

Adriana Falqueto Lemos possui graduação em Letras Inglês pela Universidade Federal do Espírito Santo (2012). Atualmente é bolsista da FAPES no programa de pós-graduação em Letras da UFES, é escritora e professora de Inglês na rede estadual de ensino do Espírito Santo (SEDU). Realiza pesquisa principalmente nos seguintes temas: leitura, materiais didáticos, literatura, videogame e literatura de horror.